



apenas para Limeira, mas para o país todo”



pesquisa no novo campus. Agora, o projeto desde sua origem fala em iniciação científica, e iniciação científica é pesquisa também, sendo algo próprio da graduação. Certamente o modelo Unicamp que estimula convênios e parcerias com empresas, com outras instituições universitárias, prefeituras e órgãos públicos vai existir também em Limeira e com uma intensidade grande, dadas as características da região. Isso gera pesquisa que não necessariamente está vinculada à pós. Quanto à extensão, também já consta do projeto, que até prevê um laboratório que centralizará as atividades na área. Esse laboratório deverá fazer a relação do campus com a sociedade, primeiro no entorno mais imediato e, logo em seguida, com a sociedade como um todo.

Jornal da Unicamp – Várias vezes se falou que o projeto de Limeira teria uma característica de projeto experimental para Unicamp, visando o futuro da Universidade. Em que sentido?

Tadeu Jorge – Experimental no sentido de que existe ali uma concepção pedagógica nova, mas não no sentido de que vamos realizar um experimento em Limeira que pode dar certo ou errado. Temos muita segurança da proposta pedagógica que está colocada ali, uma proposta multi e interdisciplinar em que todos os cursos estão vinculados entre si, com um núcleo básico comum de disciplinas, independentemente da área

e do curso, um segundo núcleo específico dentro de cada área e, mais ao final, a formação profissional específica de cada curso. Isso propiciará uma integração e uma convivência dos alunos muito intensa, mesmo entre os cursos de áreas diferentes, mais ainda dentro os cursos da mesma área. Certamente formaremos um profissional com uma visão muito mais ampla, com uma base de conhecimento também mais abrangente. Nesse sentido Limeira é uma experiência, mas é uma experiência realizada com a segurança de que daí sairá um profissional melhor formado. Isso, acredito, poderá vir a contribuir no futuro com alguma revisão e otimização da estrutura do próprio campus de Campinas, de formação mais qualificada ainda dos nossos profissionais na graduação.

Outra questão importante, para voltar ao tema de extensão, é que o campus de Limeira nasce com essa vocação de vincular-se à sociedade de uma forma mais imediata e mais plena. Esse vínculo é um pouco diferente da forma como ele se deu em Campinas, embora o projeto original da Unicamp já contivesse uma filosofia de relação forte com as instituições e com a sociedade. Mas isso foi acontecendo aos poucos e só ganhou uma dimensão plena, digamos, nos últimos dez anos. Em Limeira pretendemos que comece na origem, com pleno equilíbrio entre as três atividades indissociáveis, que são o ensino, a pesquisa e a extensão.

Jornal da Unicamp – O campus de Limeira passa a ser uma nova unidade no conjunto das já existentes ou sua organização é diferente?

Tadeu Jorge – O campus de Limeira é uma unidade de ensino e pesquisa onde vão ser ministrados num primeiro momento oito cursos. No entanto, ele tem concepções distintas daquilo que tradicionalmente se utiliza na Universidade. Primeiro, não haverá estrutura de departamentos e aí eu falo de uma experiência pessoal que produziu resultados na unidade a que pertencço, a Faculdade de Engenharia Agrícola, que não tem departamentos já há algum tempo. Esse fato permite que os professores se integrem melhor, que as barreiras de relacionamentos sejam minimizadas e, com isso, se favoreçam a otimização e a potencialização do ensino, da pesquisa e da extensão. Por outro lado, a estrutura administrativa se dá de uma forma mais ágil. No caso específico de Limeira, o novo campus será beneficiado pelo fato de que temos hoje um grau de informatização na Unicamp muito elevado, permitindo uma forma de trabalho em que os elétrons se movimentam mais ao invés das pessoas. Não precisamos, por exemplo, ter uma DGRH [Diretoria Geral de Recursos Humanos] em Limeira, porque o centro da DGRH está em Campinas e a informática faz com que os procedimentos todos possam se dar *on line*; a mesma coisa com a DGA [Diretoria Geral de Administração], com a DAC [Diretoria Acadêmica], enfim, com qualquer estrutura administrativa da Universidade. Isso explica o fato de podermos trabalhar em Limeira com um número de funcionários que, proporcionalmente, é muito inferior ao do campus de Campinas.

Um outro detalhe que distingue o novo campus é o fato de que as ordenações de cursos, pela própria característica dos cursos que estão colocados ali, saem do padrão tradicional de um coordenador para cada curso de graduação. As coordenações serão por áreas, por exemplo: a área de gestão, que compreende quatro cursos, terá um mesmo coordenador de graduação, até porque os cursos estão integrados. Aliás, a integração será beneficiada também pelo fato de que a coordenação dentro de cada área é única.

nação dentro de cada área é única.

Jornal da Unicamp – Sua gestão entrou há pouco no quarto e último ano. Vista em perspectiva, quais considera sejam as linhas mestras desse período?

Tadeu Jorge – Eu acho que aquilo que nós nos propusemos fazer, foi feito. Se pegarmos a proposta de gestão, é possível perceber ali o cumprimento de todos os pontos que foram elencados. Naturalmente falta avançar em uns, aprimorar outros e até mesmo dar início a outros. No plano das obras físicas, acho importante destacar também o Museu de Ciências, a reforma da Moradia Estudantil, várias obras que estão avançando nas unidades, como o novo prédio do Instituto de Geociências, o Teatro, que deve começar brevemente, e muitas outras obras que são importantes para as unidades de ensino e pesquisa seguirem cumprindo o seu papel. Mas não só de obras físicas se faz uma universidade. Avançou-se muito em projetos importantes como o Planejamento Estratégico, na vinculação do planejamento estratégico com o orçamento, no uso dos recursos da universidade, na consolidação do processo de avaliação institucional, que inicia agora sua segunda edição, bem como na implantação do processo de avaliação da carreira dos funcionários. Fez-se também a alteração da carreira TPCT, que é a carreira do pesquisador, um avanço importante na estrutura da Universidade. Houve também o acerto de várias pendências institucionais relevantes, como a questão da sexta-parte dos funcionários celetistas, o reconhecimento dos professores das carreiras dos colégios como efetivamente integrantes do regime estatutário, e por aí vai.

Jornal da Unicamp – Em sua gestão deu-se o retorno dos alunos ao Conselho Universitário, que há muito se abstinham de ter ali sua representação. O senhor considera isto um fato importante?

Tadeu Jorge – Muito importante. Ontem mesmo [27 de maio], na discussão sobre o campus de Limeira no Consu, os alunos tiveram uma participação notável. Numa discussão qualificada e profunda como foi aquela, em que todos tiveram a possibilidade de defender seus

pontos de vista, a presença dos alunos foi essencial. Eles apresentaram questões muito pertinentes e com argumentos de grande valia.

Jornal da Unicamp – O projeto de Limeira, como antes o da própria Unicamp, leva a pensar no desenvolvimento da própria universidade brasileira. Seu surgimento tardio levou a uma grande explosão a partir da década de 1930, para atender à enorme demanda reprimida, e também a uma superação impressionante, já que hoje ela é a melhor da América Latina. No entanto, crise ainda é uma palavra recorrente nas universidades brasileiras. Como se explica isso?

Tadeu Jorge – A crise na universidade brasileira é mais uma questão de quantidade que de qualidade. Quando se sabe que temos 11% ou 12% de jovens na faixa dos 18 aos 24 anos de idade cursando escolas de nível superior no Brasil, é preciso convir que isso é muito pouco. Para ser razoável, o Brasil teria que ter o dobro disso. Quando se imagina que entre 75% a 80% desses estudantes estão matriculados em universidades privadas, o problema se mostra ainda mais grave. Nesse sentido há crise, pois fica demonstrado que a universidade pública não vem conseguindo responder à demanda da sociedade por maior oferta de vagas. Quando falamos de qualidade, aí temos de relativizar o conceito de crise. Podemos listar hoje umas 20, talvez 30 universidades brasileiras que efetivamente associam pesquisa, ensino e atividades de extensão. Algumas têm padrão internacional. A Unicamp e a USP estão entre as 200 melhores do mundo. Agora, não é razoável imaginar que vamos saltar para 25% de matrículas na universidade brasileira que é capaz de associar ensino, pesquisa e extensão. É preciso encontrar outras alternativas, sem que essas outras alternativas sejam usadas em detrimento do crescimento das universidades fortes. É preciso que os dois modelos convivam e cresçam. Então, se existe crise, ela pode ser colocada nesse contexto, o da necessidade de se dar uma resposta à demanda por oportunidades no ensino superior.